

O BICHO VERDE

ENSINOU

O PAPÁ A

COZINHAR

RITA JOANA

ZITA PINTO



kinder









TÍTULO

O bicho verde ensinou o papá a cozinhar

TEXTO

Rita Joana

ILUSTRAÇÕES

Zita Pinto

REVISÃO CIENTÍFICA

Equipa do projeto KINDER, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

REVISÃO LINGUÍSTICA

Sofia Silva

ISBN

978-989-8847-55-3

DEPÓSITO LEGAL

515647/23

IMPRESSÃO

Empresa do Diário de Minho, Lda.

1ª EDIÇÃO

Maio de 2023

TIRAGEM

100 exemplares

©Reservados todos os direitos

Centro de Estudos Sociais da  
Universidade de Coimbra  
ces.uc.pt

ESTE LIVRO FOI DESENVOLVIDO COM O APOIO FINANCEIRO DO PROGRAMA DIREITOS, IGUALDADE E CIDADANIA DA UNIÃO EUROPEIA (2014-2020) NO ÂMBITO DO PROJETO “KINDER - TACKLING GENDER STEREOTYPES IN EDUCATION AND EARLY CHILDHOOD: BUILDING A GENDER-RESPONSIVE PEDAGOGY IN CHILDREN’S EDUCATION” (GA 101005800).

OS CONTEÚDOS DESTES LIVROS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DAS AUTORAS E DA EQUIPA DO PROJETO KINDER. A COMISSÃO EUROPEIA NÃO ACEITA QUALQUER RESPONSABILIDADE PELO USO QUE POSSA SER FEITO DA INFORMAÇÃO QUE CONTÉM.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS COLÉGIO DE S. JERÓNIMO LARGO D. DINIS APARTADO 3087 3000-995 COIMBRA, PORTUGAL

# O BICHO VERDE ENSINOU O PAPÁ A COZINHAR



Rita Joana  
Zita Pinto

## PREFÁCIO

Durante a pandemia de COVID-19, o conceito e práticas de cuidado adquiriram novos sentidos e urgências. Não apenas o cuidado prestado por profissionais de saúde, mas também aquele que é feito todos os dias por famílias, pais, mães, educadoras/es e cuidadoras/es informais.

A vivência intensa desta pandemia trouxe-nos desafios individuais e coletivos acrescidos, e foram muitas as incertezas, preocupações e medos vividos também pelas crianças. Medidas como o isolamento social tiveram impactos na relação com a escola e profissionais de educação, grupos de amigos/as, mas também no contexto familiar. A ausência de relações de proximidade, de abraços e de liberdade encabeçaram a lista das consequências desse período. Encabeça também esta lista aquela a que se chamou de “pandemia sombra”, com a exacerbação da violência intrafamiliar e o acentuar das desigualdades de género, com uma sobrecarga das mulheres que, além de manterem o seu trabalho formal e remunerado, assumiram grande parte do cuidado familiar e doméstico.

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto KINDER<sup>1</sup>— centrada na persistência de estereótipos de género desde a mais tenra idade nos sistemas educativos e familiares — atravessou o período pandémico e permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre os desafios que profissionais da educação enfrentam para responder às necessidades específicas de raparigas e rapazes, e promover processos transformativos de ensino e aprendizagem nas escolas a partir de uma perspectiva inclusiva e equitativa.

O projeto KINDER tornou-se, assim, numa oportunidade única para analisar a reprodução e transmissão de estereótipos de género desde os jardins-de-infância ao segundo ciclo do ensino básico, em Portugal, e contribuir para a construção e implementação de uma pedagogia transformadora de normas rígidas de género dentro e, principalmente, fora da academia, nos lugares onde aprendemos a tecer outras práticas de cuidado mais equitativas, seja em contextos educativos, ou em contextos familiares.

Por que não oferecermos, então, uma história que represente e celebre as relações de corresponsabilidade e de cuidado, as que existem e as que podem existir, nas quais homens cuidam e realizam atividades essenciais para a nossa sobrevivência, e que enfatizem o cuidado?

A história “O bicho verde ensinou o papá a cozinhar”, escrita por Rita Joana no contexto pandémico para crianças, percorre alguns destes desafios, e propõe, a partir de um momento situado no tempo, de uma nova doença que deixou o mundo “de pernas para o ar”, educar as crianças e quem delas cuida, sem estereótipos de género, mostrando como pode ser fácil figuras parentais e cuidadoras serem corresponsáveis e equitativas na educação e no cuidado das crianças e do espaço que habitam. Esta história alerta para as necessidades de empatia, cuidado e atenção permanentes que, por vezes, parecem invisíveis mas sem as quais não podemos viver.



No panorama nacional existem diversos livros e materiais educativos para a infância, desenvolvidos no âmbito da educação inclusiva e igualdade de género. Fazem parte, aliás, das recomendações do projeto KINDER, na sua ludoteca. Não é nosso objetivo sobrepor-nos aos seus contributos valiosos. Esta pequena história é parte das nossas vivências, como mães, cuidadoras, professoras e investigadoras, e este livro infantil é o nosso contributo para a construção de um mundo pós-pandémico que seja feito de progressos e não de retrocessos, e mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.

**Tatiana Moura**  
**Sofia Gonçalves**  
**Patrícia Ferreira**

### **Nota da Autora**

*O meu nome é Rita Joana. Sou uma das 800.000 Cuidadoras Informais não reconhecidas em Portugal. Falo no feminino porque, apesar de existirem cuidadores no masculino, as mulheres perfazem 80% deste número.*

*Temos uma história de atribuição obrigatória de cuidados à mulher. Somos valorizadas sempre pelo sacrifício, pela abnegação, pelo sofrimento, por abirmos mão de nós em prol do outro e/ou da família.*

*Não nos é dado o direito de existirmos enquanto indivíduos.*

*Esse direito é-nos negado por um Estado que é omissivo nas suas obrigações sociais, que insiste em apostar na institucionalização (mesmo quando sabemos que esta tem uma qualidade deficiente, um paradigma ultrapassado e desumano e requer um poder pecuniário que a maioria da população não possui) e por uma sociedade deseducada para a equidade familiar e doméstica.*

*Quando a pandemia obrigou as famílias ao confinamento, esta realidade explodiu. As mulheres que tinham responsabilidades profissionais regressaram nas suas carreiras, viram a sua saúde física e mental piorar consideravelmente e muitas revolucionaram as suas relações.*

*A verdade é que a acumulação absurda e insuportável de tarefas torna inconcebível que se continue a permitir esta exploração. A mulher não é uma máquina que possa assumir papéis infundáveis para o bom funcionamento social.*

*Muitos homens que já se haviam consciencializado desta questão ganharam novo ímpeto, durante a pandemia, e passaram palavra.*

---

<sup>1</sup> kinder.ces.uc.pt



*Vivemos uma revolução ainda em semente e que só poderá crescer através da educação.  
Os papéis do cuidado não têm género e as crianças têm de beber isso mais cedo do que nós.*

*Ao escrever este texto, não me dei conta da quantidade de estereótipos inconscientes que trago. Foi trabalhando com a equipa multidisciplinar do projeto KINDER, do Centro de Estudos Sociais, que fui atingida pelo choque e pela humildade do tanto que estou influenciada e que quero modificar.*

*Espero que, com uma palavra de cada vez, sejamos capazes de proteger cada criança, cada mulher das dores de não poderem ser... apenas um ser humano.*

Rita Joana

O BICHO VERDE  
ENSINOU  
O PAPÁ A  
COZINHAR







O papá e a mamã sentaram-me no sofá com um ar muito sério.  
Aquele ar de quem vai ter uma conversa de gente crescida.

“Sabes, Laurinha... há um bichinho verde a viajar pelo mundo. Esse bichinho faz com que as pessoas fiquem com febre e com muita tosse.”





“Viaja de pessoa para pessoa através da nossa saliva.  
E, enquanto ele conhece todas as cidades do planeta,  
nós temos de ficar em casa para lhe atrapalharmos a  
viagem.”



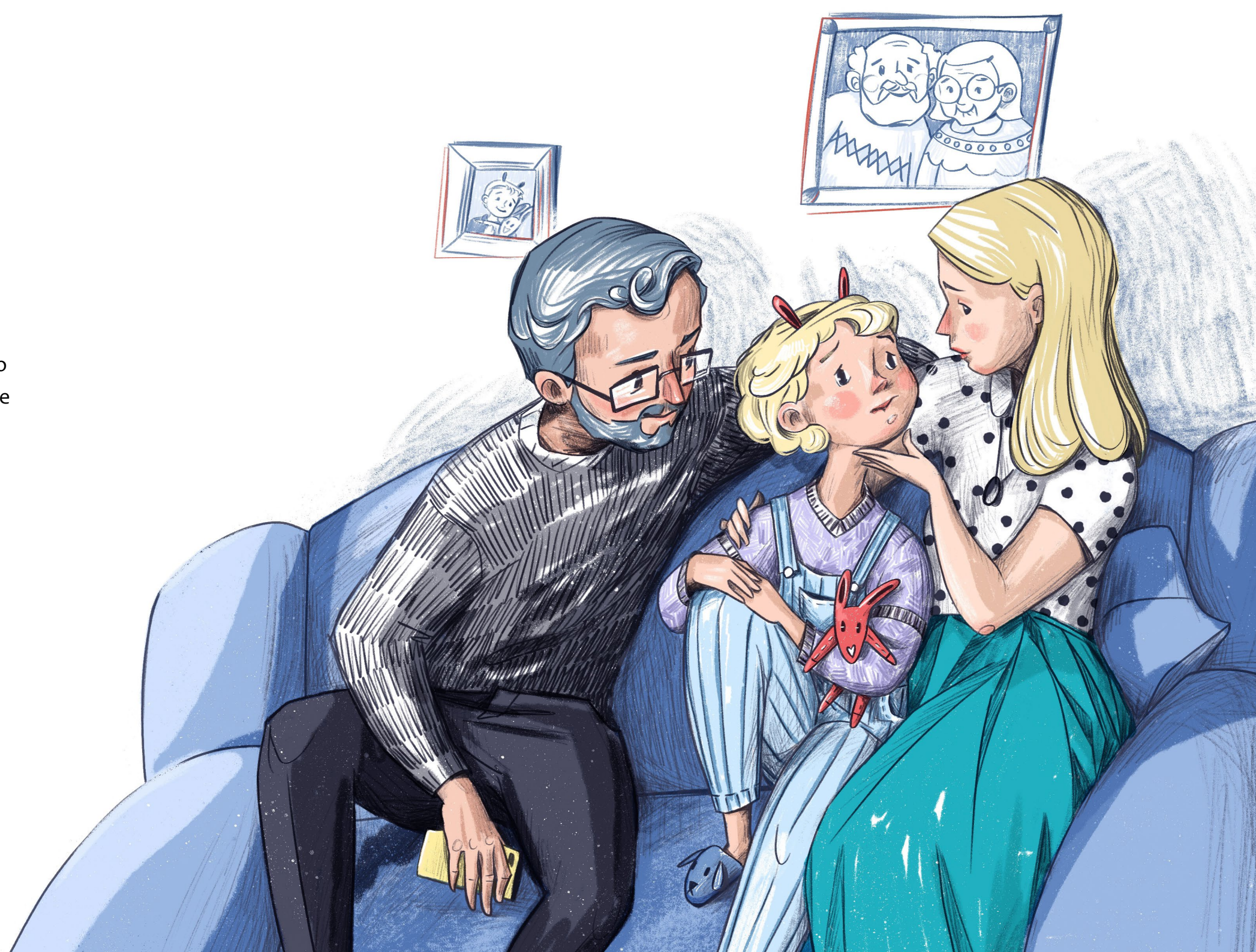
Eu já sabia que este bichinho não era nosso amigo,  
e que se nos encontrássemos com ele, eu e a minha família  
poderíamos ficar doentes.



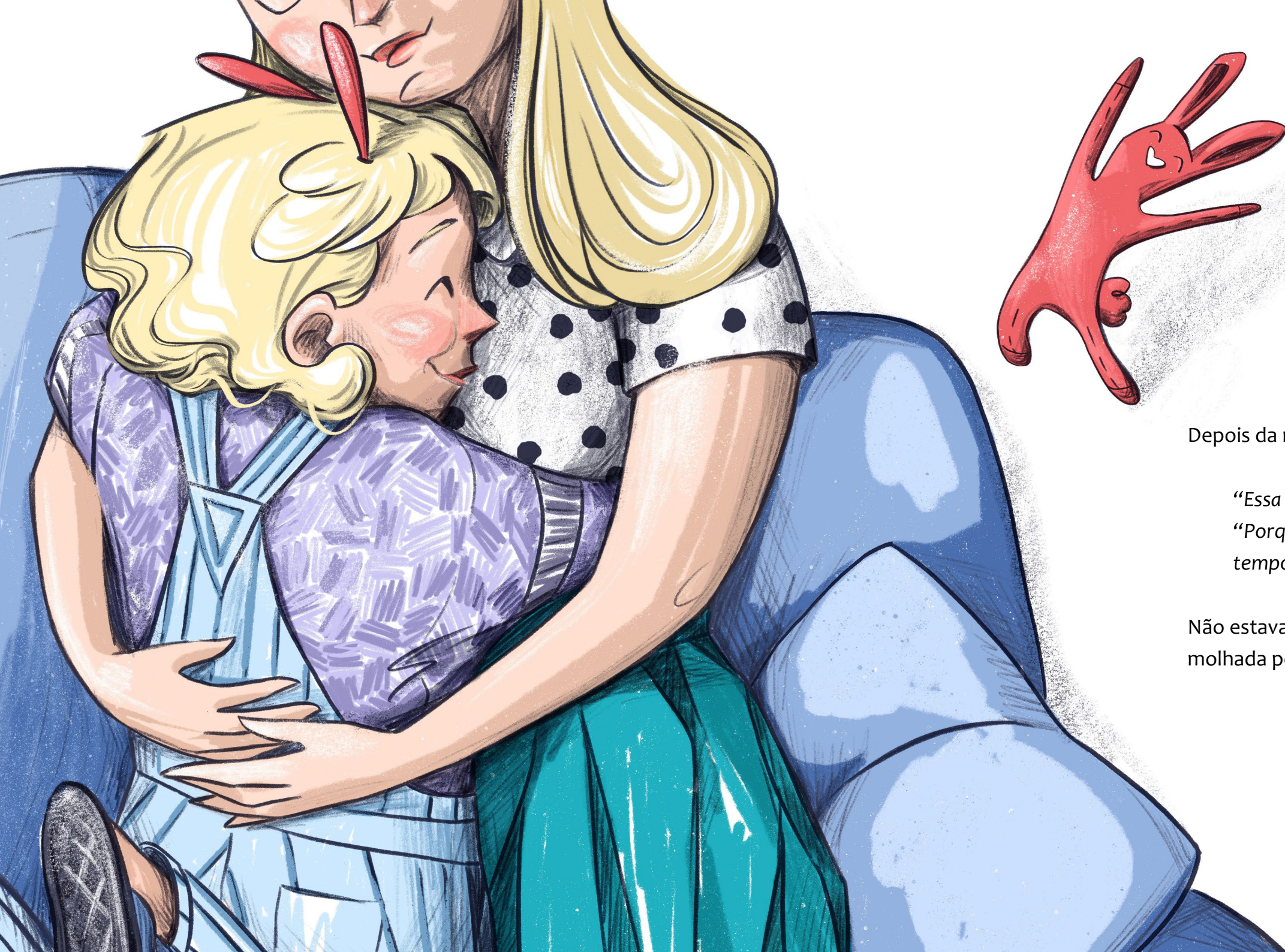




Mas resolvi escutar em silêncio o que o pai e a mãe tinham para me dizer sobre as mudanças que aí vinham.







Depois da nossa conversa, dei um grande abraço à mamã.

*“Essa agora! Porque é que me estás a abraçar?”*

*“Porque vais ficar mais tempo em casa... Já há muito tempo que não brincamos em família.” – respondi.*

Não estava a chover nesse dia... Mas fiquei com a cabeça toda molhada porque dos olhos dela caiam grandes lágrimas.






Os dias estavam diferentes.  
Já ninguém ia à escola e eu falava com a minha melhor amiga, a Madalena,  
pelo computador.





A mamã apanhou a Covid-19 (era o nome da tal doença que o bicho verde passa às pessoas) e teve de ficar sozinha no quarto durante alguns dias, até ficar bem.





Vi o senhor Manuel, o pai da Madalena, aparecer no ecrã com uma colher de pau a escorrer um molho vermelho.

“O teu pai cozinha?” – perguntei espantada.

“E muito bem!” – respondeu o senhor Manuel.

“Olá, Madalena. O que vai ser o teu almoço?”

A mãe da Madalena é enfermeira e cuidava das pessoas que chegavam doentes ao hospital. Para não passar o bicho verde à sua família, ela não podia vir a casa... a Madalena e o Sr. Manuel estavam cheios de saudades dela!

Assim, era o pai que fazia tudo lá em casa. Aspirava, cozinhava, organizava o que faltava na dispensa: tudo o que fosse preciso!





No início achei estranho, porque o meu pai nunca fez essas tarefas cá em casa...

“Com quem estás a falar, Laura?” –  
perguntou um dia o papá, ao ouvir a voz do  
senhor Manuel.



“Comigo... Sou o pai da Madalena!”

Nesse dia, o meu pai e o pai da Madalena ficaram amigos.





Como nunca gostei de pizzas, nem de hambúrgueres e de coisas dessas que entregam em casa, o senhor Manuel desafiou o papá a aprender a cozinhar as nossas refeições.

Ele seria o professor.



Rimo-nos muito nos dias seguintes, mas o meu pai aprendeu a fazer um arroz de tomate delicioso, de chorar por mais!









Num belo dia, ficámos a saber que o bicho ficou mais fraquinho e já não deixava tantas pessoas doentes. Parecia que ainda andava por aí, mas conseguimos mesmo estragar-lhe os planos.

As pessoas estavam muito felizes!





Cá em casa, resolvemos fazer uma festa!

O papá convidou a família da Madalena para jantar...  
E foi ele que cozinhou tudo!

Fez um enorme banquete!





Agora, o papá agora faz o jantar todos dias. Logo ele, que era tão trapalhão e nem sabia estrelar um ovo! E eu adoro cozinhar com o papá...

O bicho verde ensinou a nossa família a fazer as tarefas cá de casa em conjunto, como se fosse um jogo. Às vezes, o pai e a mãe até se esquecem que estão a fazer coisas aborrecidas e cansativas de adultos.



Fico tão contente de os ver juntinhos e aos abraços que nem precisam de me mandar para a cama depois do jantar. Sou eu que fujo e vou dormir cedo para não assistir a tanto mel!









*Já ouviram falar de um bicho verde que ensina os pais das crianças a cozinhar?*

*O livro “O bicho verde ensinou o papá a cozinhar” conta-nos a história de Laura e de um bichinho verde que, viajando pelo mundo, o deixou de pernas para o ar. Num certo dia, o bicho verde deixou a mãe de Laura adoentada, e foi o pai de Laura quem passou a cuidar de tudo lá em casa. Mas havia um problema — ele não sabia cozinhar!*

*Através das peripécias vividas pela Laura e pelo seu pai que quis aprender a cozinhar, esta história mostra-nos como as figuras parentais e cuidadoras podem assumir responsabilidades equitativas na educação e no cuidado das crianças e, assim, contribuir para a construção de um mundo pós-pandémico mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.*

